
A percepção pública da ciência no Brasil e o papel social do cientista como comunicador: Caso do projeto Mídia Ciência de Mato Grosso do Sul¹

André MAZINI²

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Este trabalho analisa dados da última pesquisa de percepção pública sobre ciência e tecnologia no Brasil, somados a um questionário realizado com 260 pesquisadores de Mato Grosso do Sul no âmbito de uma ação pública de popularização da ciência. Discute-se a importância da qualificação de cientistas na promoção e no fortalecimento da divulgação científica no país e revela a lacuna observada entre o alto interesse público por ciência e a dificuldade de acesso popular a informações científicas. O texto apresenta o caso do projeto Mídia Ciência, desenvolvido em Mato Grosso do Sul, mais especificamente em relação ao treinamento em comunicação realizado com pesquisadores do estado.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação científica; popularização da ciência; ciência cidadã

INTRODUÇÃO: A PERCEPÇÃO PÚBLICA SOBRE CIÊNCIA NO BRASIL

A aferição da percepção pública sobre Ciência e Tecnologia tem sido um instrumento usado por diversos países que buscam aperfeiçoar suas políticas públicas tanto na área da produção científica em si, como também na promoção do acesso social ao conhecimento científico.

Em um contexto de sociedades cada vez mais urbanizadas e coletivamente afetadas pela ciência, ter acesso ao conhecimento científico torna-se um pressuposto ao pleno exercício da cidadania. Nesse sentido, Carl Sagan defendia a necessidade de acabar com o analfabetismo científico, especialmente da classe trabalhadora. Ele alertava que “é preocupante que o cidadão continue a ignorar o perigo do aquecimento global, a diminuição da camada de ozônio, a poluição do ar, o lixo tóxico e radioativo, a chuva ácida, a erosão da camada superior do solo, o desflorestamento tropical, o crescimento exponencial da população e muitos outros perigos que rondam a humanidade” (SAGAN, 2002).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Chefe do Laboratório de Popularização da Ciência (LABPOP-UEMS) e coordenador do projeto @midiaciencia: andremazini@uems.br.

Muito antes, porém, já havia uma percepção por parte da academia a respeito da importância social da democratização do acesso ao conhecimento científico. O educador John Dewey, por exemplo, ressaltava ainda na década de 1930 a importância de se recomendar aos jovens uma “atitude científica” (DEWEY, 1934), entendendo a relevância disso não somente para o desenvolvimento pessoal do educando, mas para o avanço do país como sociedade.

No Brasil, a primeira pesquisa oficial de percepção pública sobre ciência foi realizada no ano de 1987, no bojo de uma democracia recém-reestabelecida e ainda com várias incertezas sobre o futuro político do país. A aferição foi negligenciada nas quase duas décadas seguintes e voltou a ser realizada somente em 2006. Depois disso, a pesquisa que representa o principal termômetro social de percepção pública sobre ciência no Brasil foi realizada em 2015, 2019 e mais recentemente em 2023.

As últimas edições revelam traços importantes sobre como o brasileiro se relaciona com temas ligados à CT&I. O cientista segue como a segunda fonte de informação mais confiável com um índice de confiança de 0.66, atrás apenas dos médicos (0.72). Além do nível de confiança, chama a atenção que o interesse manifestado pelos participantes da pesquisa pela temática “Ciência e Tecnologia” aparece à frente do interesse por “Arte e Cultura” e “Esportes”, conforme se vê abaixo:

Figura 1 – Interesse da população por temática

Medicina/Saúde:	Meio Ambiente:	Religião:	Economia:	Ciência e Tecnologia:	Esporte:	Arte e Cultura:	Política:
77,90%	76,20%	70,50%	67,70%	60,30%	54,30%	53,80%	32,60%

Fonte: Pesquisa de Percepção Pública da C&T no Brasil, 2023

Apesar do alto nível de confiança e interesse, a pesquisa mostra um baixo conhecimento factual sobre Ciência no Brasil. Apenas 9.6% dos participantes conseguiram se lembrar do nome de pelo menos um(a) cientista brasileiro(a), e só 17.9% lembram-se do nome de alguma instituição de Ciência, incluindo nesta categoria as universidades e demais Instituições de Educação Superior.

Se, de um lado, temos uma população que afirma seu interesse por ciência, de outro, é importante notar que a maioria dos profissionais que atuam hoje como pesquisadores ou professores universitários foram formados, pessoal e profissionalmente,

em um contexto anterior à popularização da internet, das redes sociais e outras tecnologias que transformaram a comunicação social nos últimos anos.

O último levantamento oficial sobre o perfil demográfico dos pesquisadores foi publicado em 2016 pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), através de um estudo da base técnico-científica brasileira. O documento revela que professores doutores tinham, à época da publicação, idade média de 37 anos, dois anos mais jovens do que o perfil apurado em 1996. A tendência de diminuição da idade também foi constatada entre pessoas com mestrado concluído. Em 1996, a idade média era de 33,4 anos; em 2014, caiu para 32,3 anos.

Significa dizer que a maioria deles se formou em um período anterior à revolução digital provocada pela internet e novas tecnologias de comunicação. O que sugere que, embora qualificados em suas respectivas áreas de atuação específica, muitos desses cientistas não foram formados com as habilidades necessárias para navegar eficazmente no ambiente contemporâneo de comunicação, marcado por um intenso fluxo de informação e, mais preocupantemente, de desinformação.

A divulgação científica passa a ser demandada, nesse ínterim, não somente a atuar divulgando ciência, mas também capacitando e incentivando que cientistas passem a utilizar plataformas de mídia para engajar diretamente com a sociedade, promovendo um entendimento mais crítico, e acessível, do conhecimento científico e suas implicações. Na década de 1990, Alan Irwin (1995) defendia a noção de uma “ciência democrática”, desenvolvida, aprovada e se apropriada pelos próprios cidadãos. Um processo de social de popularização do conhecimento que, atualmente, dificilmente ocorrerá de forma eficaz sem considerar as estruturas de comunicação consolidadas na contemporaneidade.

PROJETO MÍDIA CIÊNCIA

O projeto Mídia Ciência foi criado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado (Fundect), visando responder ao descompasso entre o interesse do público por ciência e o baixo acesso a informações científicas confiáveis. O projeto conta com uma equipe de 15 bolsistas de diversas áreas, incluindo Jornalismo, Publicidade, Marketing em Redes Sociais, Artes Cênicas, TI, Gestão Administrativa e Consultoria Acadêmica.

O projeto utiliza diferentes estratégias e canais de atuação para popularizar a ciência, tais como um programa semanal de TV na Rede Educativa de Rádio e Televisão

de MS, transmitido em rede aberta para todo o estado, intervenções de teatro autoral em escolas da Rede Pública Estadual, e produção de conteúdo para redes sociais é outra frente importante, onde são elaborados posts, vídeos e outras mídias digitais para engajar o público nas plataformas mais populares.

Embora o Mídia Ciência tenha sido criado dentro de uma universidade, seu foco não é a comunicação institucional ou exclusivamente voltado às pesquisas da UEMS. A parceria com a Fundação Estadual de Amparo à Pesquisa permite que o projeto atue em nível de política pública, abrangendo todo o ecossistema da ciência produzida no estado e promovendo a democratização do conhecimento científico entre a população de Mato Grosso do Sul.

COMUNICA CIENTISTA

A atuação capilarizada entre as IES do estado permitiu ao projeto ter contato constante com pesquisadores de todas as universidades do estado e, a partir desse contato, observar que existe uma importante parcela dos pesquisadores que entendem a relevância da popularização da ciência através da comunicação, que gostariam de se comunicarem com mais propriedade, mas sentem dificuldade/inibição em fazê-lo.

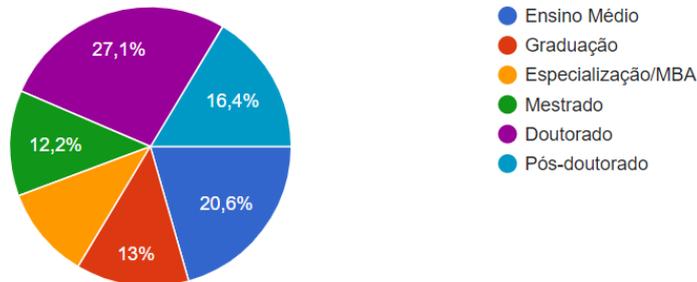
Um levantamento realizado pelo projeto com 263 pesquisadores do estado (perfil indicado no gráfico a seguir) deu robustez à hipótese de partida quando propôs a pergunta: “Quais fatores contribuem para que você não seja mais ativo em suas comunicações via redes sociais?”. A maioria dos participantes, 59,1%, indicaram “Falta de conhecimento sobre como produzir conteúdo”, seguido de 57,1% que indicaram “Falta de conhecimento sobre como divulgar conteúdos a mais pessoas”. Ou seja, há interesse na atuação desses pesquisadores como comunicadores, que está limitado à falta de qualificação técnica, tanto no que se refere a conhecimentos básicos sobre produção de conteúdos e funcionamento das principais plataformas, como a conhecimento sobre estratégias de distribuição dos conteúdos gerados.

Nesse contexto foi criado o “Comunica Cientista”, com objetivo de oferecer um treinamento básico em comunicação para pesquisadores. As primeiras edições do treinamento foram realizadas em junho de 2023, nas cidades da Dourados e Campo Grande voltado principalmente a professores e pesquisadores das Instituições de Ensino Superior do estado, estratégia que se refletiu no perfil de titulação acadêmica dos participantes:

Figura 2: Formação concluída dos participantes

Formação concluída

262 respostas



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (2023)

Entre os participantes todos indicaram possuir conta ativa em redes sociais, sendo que 93,5% usam o Instagram, 93,1% o Whatsapp e 77,9% o Facebook. Outras redes também apresentaram expressivo nível de uso pelos participantes: Twitter 36,3%; LinkedIn 38,2%; Spotify 46,9%; Telegram 42,4%; Pinterest 31,3%; e Tiktok 27,1%.

No questionário aplicado aos participantes, foi solicitado que indicassem, numa escala de 1 a 5 (onde 1 equivale a “discordo completamente” e 5 a “concordo plenamente), o nível de concordância referente às seguintes afirmações:

- "Seria bom se houvesse uma preparação básica sobre comunicação na formação do pesquisador(a)/educador(a)"

1	2	3	4	5
1,5%	--	1,5%	3,9%	93,1%

- "Eu gostaria de me comunicar mais nas redes sociais, mas não me sinto **preparado** para isso"

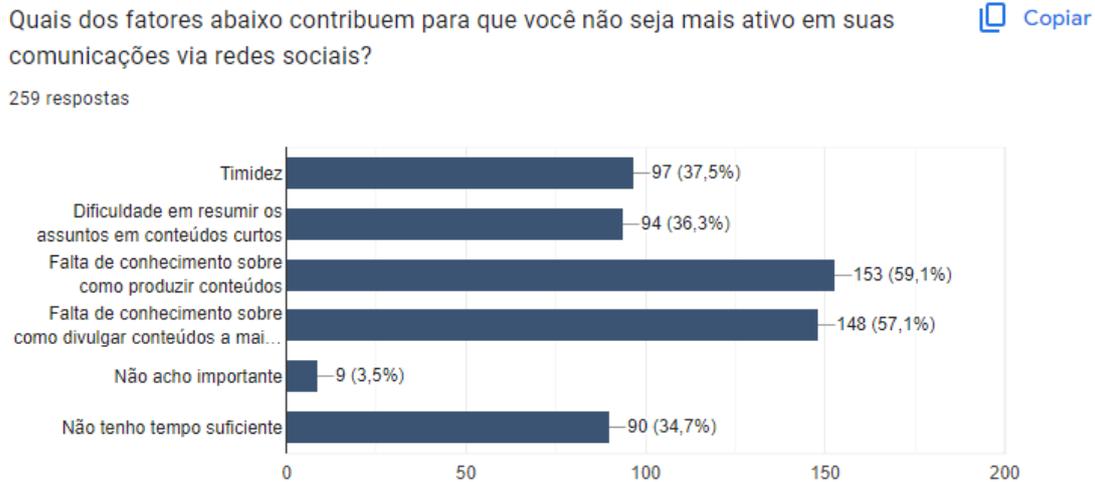
1	2	3	4	5
4,6%	8,4%	20,7%	25,3%	41%

- "Eu gostaria de me comunicar mais nas redes sociais, mas não me sinto **confortável** para isso"

1	2	3	4	5
9,6%	8%	22,2%	19,5%	40,6%

Os pesquisadores e pesquisadoras também foram questionados a respeito dos fatores que os inibem de se comunicarem com maior frequência nas redes sociais:

Figura 3: Fatores que contribuem para uma participação menos ativa nas redes sociais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (2023)

Embora os resultados deste estudo não possam ser generalizados para além do caso específico aqui abordado, a combinação das pesquisas nacionais sobre percepção pública de ciência, dos dados do questionário já mencionado e do retorno pessoal dos pesquisadores durante os treinamentos, evidencia que há um reconhecimento por parte expressiva da comunidade acadêmica a respeito da importância dos cientistas atuarem também como comunicadores. Duas questões apresentadas no levantamento realizado em Mato Grosso do Sul demonstram isso de forma mais direta, a primeira é a indicação do nível de concordância relacionada à seguinte frase: "Ao se comunicarem nas redes sociais, imprensa e outros canais, os cientistas ajudam a combater a desinformação e o negacionismo", em que 90,3% assinalou 4, ou 5 (onde 5 significa "plenamente de acordo"). E a segunda - "Seria bom se houvesse uma preparação básica sobre comunicação na formação do pesquisador(a)/educador(a)" – em que 93,1% marcaram o indicador máximo de concordância, 5.

Fica claro, no caso observado, a lacuna entre o que se demanda em termos de popularização e fortalecimento da ciência, algo que se mostrou ainda mais urgente após o que se viu em termos de desinformação ao longo da Pandemia de Covid19, por exemplo, e o papel dos cientistas enquanto formadores de opinião presentes e atuantes nos espaços de comunicação onde esses debates se desenvolvem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Centro de Estudos Estratégicos. Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e Tecnologia no olhar dos brasileiros. Brasília, 2015.

BRASIL. Centro de Estudos Estratégicos. Percepção pública da ciência e tecnologia 2023 - Ciência e Tecnologia no olhar dos brasileiros. Brasília, 2023.

BRASIL. Ministério de Ciência e Tecnologia. Percepção pública da Ciência e da Tecnologia. 2006.

DEWEY, J. Art as experience. New York: Minton, Balch & Company, 1934.

IRWIN, A. **Ciência Cidadã**: Um estudo das pessoas, especialização e desenvolvimento sustentável. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget. 1995.

SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAZINI, André. Pesquisa aplicada na inscrição do curso Comunica Cientista. Relatório de pesquisa, Projeto Mídia Ciência, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, MS, 2023.